



## O TEATRO COMO BIBLIOTECA PÚBLICA

“Teatro e Literatura”: o principal recorte curatorial desta 10ª edição do Festival Midrash de Teatro parte de uma percepção aparentemente paradoxal.

Se, desde a *Poética* de Aristóteles, o “espetáculo” foi pensado como uma atividade secundária diante daquela que seria a verdadeira essência do teatro – a produção de poemas dramáticos, isto é, de textos para teatro estruturados na forma de diálogos entre personagens em conflito, com um caráter e uma psicologia claramente reconhecíveis –, o que o século XX viu surgir foi uma crítica contundente ao “textocentrismo” e à noção tradicional de personagem teatral.

Ao deixar de ser identificado como uma mera recitação de textos dramáticos que deveriam funcionar eminentemente como literatura – a ponto de o próprio Aristóteles ter escrito que um bom texto teatral precisava alcançar todos os seus efeitos mesmo quando apenas lido! –, o teatro do nosso tempo passou a ser nomeado por diversos teóricos como “pós-dramático”. O teatro pós-dramático seria, assim, um teatro “pós-textocêntrico”, um teatro no qual o texto seria apenas mais um elemento em meio a muitos outros.

O paradoxo é que a perda da centralidade do texto dramático para o fenômeno teatral, correlata à crescente importância da encenação e das novas dramaturgias da cena, não implicou um afastamento entre teatro e literatura. Pelo contrário. Com o fim da hegemonia do drama, o que se viu foi uma abertura radical do teatro a muitas outras formas de escrita. Hoje, entende-se que praticamente qualquer texto literário pode ser encenado. Assim, nas últimas décadas, os teatros do mundo todo foram inundados por textos literários não dramáticos: romances, contos, poemas líricos, poesia falada, diários, ensaios e autobiografias passaram a ocupar o prosaetno. Embora não tenham

sido concebidas originalmente para serem encenadas, todas essas escritas serviram de base a produções teatrais que só fizeram ampliar, complexificar e enriquecer aquilo que, durante séculos, entendeu-se por “teatro” e por “linguagem teatral”.

A curadoria desta 10ª edição do Festival Midrash de Teatro nasceu do desejo de justapor num curto período de tempo 15 peças de teatro construídas a partir de textos literários – em prosa, poesia escrita e poesia falada (*spoken word*) – que não foram originalmente criados para serem encenados num teatro.

Essa escolha curatorial convida a uma reflexão sobre inúmeras questões:

. o que acontece quando o campo do teatro é levado a se expandir para além do drama e a criar novos dispositivos de linguagem capazes de traduzir cenicamente textos originalmente escritos para serem lidos solitariamente?

. qual é a possível relação entre a experiência de ver uma peça de teatro e a experiência de ler um livro?

. quais são os aportes, em termos de linguagem, que a poesia (lírica), a princípio não dramática ou mesmo anti-dramática, pode trazer ao campo da invenção teatral?

. como o teatro, essa arte tão antiga, pode ser revivificada ao incorporar uma arte tão contemporânea como a celebrada nos slams, a arte da poesia falada (*spoken word*) em praça pública nas batalhas de poetas que, nos últimos anos, se tornaram tão importantes por trazerem para o campo da poesia e do debate público populações outrora marginalizadas?

. e, em sentido inverso, como um romance, um conto, um poema ou a poesia falada podem se enriquecer ao serem transpostos para a caixa preta do teatro?

A curadoria desta 10ª edição do Festival Midrash de Teatro aposta que o encontro entre o teatro e a literatura (originalmente não dramática) amplia as fronteiras de ambas, promovendo uma hibridização das formas que é a alma mesma da arte contemporânea. E não só da arte, mas também da ética contemporânea, cujo maior desafio é tornar visível o quanto as diferenças, muito mais do que serem apenas toleradas, precisam ser lidas como a maior fonte das riquezas humanas e o principal motor para o crescimento, tanto individual quanto social.

Dentre as 20 peças que serão apresentadas nesta 10ª edição do Festival Midrash, três vêm diretamente do universo do *spoken word* e dos slams, batalhas de poetas originalmente promovidas por Roberta Estrela D’Alva na cidade de São Paulo. É uma alegria poder trazer para o Festival essa artista paulista cuja importância na cena nacional é menos conhecida do que deveria ser na cidade do Rio de Janeiro. Roberta Estrela D’Alva, além de abrir o festival com seu belo espetáculo literomusical *Slam Blues*, show em que atua e canta acompanhada por dois músicos (Daniel Oliva e Pipo Pegoraro), ainda assina a direção de *Inútil canto e inútil pranto pelos anjos caídos*, adaptação para o teatro de um livro de contos de Plínio Marcos escrito em 1977,

idealizada e protagonizada por Ícaro Rodrigues. A mesma Roberta assina a preparação vocal e de spoken word de *Também guardamos pedras aqui*, uma versão cênica do livro de poemas homônimo de Luiza Romão dirigida por Eugênio Lima e protagonizada pela própria poeta, que foi vencedora dos prêmios Jabuti de melhor livro de poesia e melhor livro do ano em 2022 com a obra agora encenada.

Além de Luiza Romão, outra poeta que marca presença nesta 10ª edição do Festival Midrash é a premiada Marília Garcia, vencedora do Prêmio Oceanos de 2018, que traz ao Rio de Janeiro uma de suas emocionantes palestras-performance, *expedição: nebulosa*, na qual realiza uma leitura ao vivo dos poemas de seu último livro acompanhada pela projeção de dezenas de imagens que vão conferindo outras camadas a suas palavras. Além dessas duas poetisas, o espetáculo *Agda*, da atriz e bailarina Gisele Petty, traz uma versão performativa e coreográfica do conto homônimo de Hilda Hilst, mestra suprema no manejo da prosa poética e da reflexão sobre a potência disruptiva do feminino.

*Penlopeia*, de Raquel Karro, é outra das palestras-performance que integram a programação do Festival este ano. Assim como Luiza Romão em seu livro, Raquel dialoga com Homero e se propõe a pensar a figura da mulher na contemporaneidade à luz das mil faces de Penélope, personagem saída dos mares da *Odisseia* que acabou reverberando em milhares de Penélopes contemporâneas. Também em registro aparentado ao da palestra-performance, a atriz Monica Biel protagoniza o solo intitulado *A língua mãe*, de Juan José Millás, texto composto por capítulos relativamente autônomos que propõe uma reflexão profunda e subversiva sobre a essência da linguagem. Fechando a tetralogia de palestras-performance que integram a programação, o público do Festival Midrash poderá contemplar a releitura pessoal e delicada do romance *Crime e castigo*, de Dostoiévski, feita pela atriz Liliane Rovaris sob a direção de Camila Márdila.

Os amantes da prosa de ficção contemporânea irão ainda deliciar-se com três trabalhos baseados em livros extraordinários. *Diário do farol*, do nosso imortal João Ubaldo Ribeiro, recebe releitura cênica protagonizada por Telmo Fernandes e dirigida por Fernando Philbert. Trata-se de uma reflexão a um só tempo irônica e profunda sobre as origens e as mil faces do Mal. Já o espetáculo *Escute as feras*, dirigido por Mika Lins e protagonizado por Maria Manoella, que tem como companheiro de cena o músico Lúcio Maia, é uma adaptação do livro homônimo da antropóloga francesa Nastassja Martin, publicado na França em 2019 e logo traduzido para inúmeras línguas. Nessa obra, a narradora conta como teve seu rosto desfigurado por um urso pardo em um encontro inesperado na Sibéria e como, a partir daí, experimentou transformações físicas e espirituais que a levaram a repensar as complexas relações entre a humanidade e a natureza. Finalmente, a atriz Lavinia Pannunzio, sob a direção do também dramaturgo Leonardo Ventura, traz à cena fragmentos do livro de contos *Elizabeth Costello*, de J. M. Coetzee, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura de 2003. Com inspiração no dispositivo cênico de *A última gravação de Krapp*, de Samuel Beckett, a atriz propõe uma série de reflexões sobre o tempo, a violência, a vida e a morte.

*Jornada do herói*, peça escrita e protagonizada pelo jovem ator da Baixada Fluminense Mateus Amorim e dirigida por Alexandre O. Gomes, é uma fábula que narra a odisseia em busca pela sobrevivência do trabalhador de uma carvoaria demitido após pedir 5 minutos a mais para almoçar. Vencedor de inúmeros prêmios no FESTU (Festival de Teatro Universitário), a peça tem uma estrutura ironicamente autorreflexiva, que combina a contação da história do personagem principal com uma reflexão sobre a estrutura dos mitos segundo o professor e mitólogo Joseph Campbell, assim servindo como ponto de partida para inúmeras questões acerca do fazer literário.

Complementando essa programação de 11 peças e 2 shows de música mais voltadas para o público adulto, o Festival Midrash tem ainda o prazer de trazer ao público infantil, sempre aos domingos às 16h, duas peças baseadas em dois dos maiores autores do século XX: Franz Kafka e Anton Tchekhov. Em *A história de Kafka e a boneca viajante*, dramaturgia de Julia Bernat baseada no romance de Jordi Sierra I Fabra, os atores João Lucas Romero e Laura Becker, sob a direção de Isaac Bernat, constroem a delicada relação entre Kafka e a menina Elsi, que é ajudada pelo escritor depois de perder sua boneca. Kafka lhe diz que a boneca tinha viajado e começa a escrever cartas em nome da boneca que, ao serem lidas, mostram o quanto aprender a lidar com as perdas é indispensável ao amadurecimento. Já *O sapateiro russo* é uma peça teatral para crianças inspirada no conto “O sapateiro e a força maligna”. Nascido da parceria entre o ator Carlos Escher e o diretor Cássio Brasil, o espetáculo narra a história de um sapateiro pobre que, obrigado a trabalhar na véspera do Natal, começa a se fazer uma série de perguntas sobre a origem das diferenças entre pobres e ricos e também sobre suas escolhas, apresentando de forma respeitosa com a inteligência das crianças questionamentos e dilemas éticos comuns a todos nós.

O encerramento da 10ª edição do Festival Midrash de Teatro, assim como sua abertura, brinda a plateia com um show musical no qual a cantora e compositora curitibana Bruna Lucchesi apresenta ao público carioca as canções de seu último álbum, *Quem faz amor faz barulho*, no qual traz interpretações singulares de composições de Paulo Leminski que, além de poeta, tradutor e ensaísta, também se dedicou à composição musical. Trata-se, sem dúvida, de um espetáculo de encerramento coerente com um Festival dedicado a brindar o público do Teatro Café Pequeno com toda a riqueza que pode brotar dos variados encontros entre teatro e literatura, música e poesia.

Mas isso não é tudo...

## **O AMOR NOS TEMPOS DA CÓLERA**

Por mais que a vertente principal desta 10ª edição do Festival Midrash de Teatro tenha a ver com o desejo de colocar em diálogo o teatro e a literatura em suas mais distintas vertentes (romance, conto, poesia escrita, spoken word, slam), um segundo princípio curatorial permite compreender a justaposição das outras 5 peças que compõem a programação.

Como já foi dito, há um aprendizado ético implicado na revolução estética propiciada pela aproximação entre o teatro e a literatura não dramática. Do mesmo modo que a perda da hegemonia de uma visão do teatro, que por séculos se pretendeu única, trouxe ao palco inúmeras estéticas que antes teriam sido simplesmente excluídas, porque não dramáticas (ou não teatrais o suficiente); e do mesmo modo que o drama conquistou para si um novo futuro depois que abriu mão da sua velha pretensão de pureza e incorporou à sua estrutura elementos épicos, líricos, visuais e abstratos antes condenados, a convicção desta curadoria é a de que também o amor só tem a ganhar quando a heteronormatividade que inunda os discursos coléricos da extrema direita puder perceber que, como o drama, seu futuro será muito mais rico e fiel à complexidade da própria vida quando incorporar os questionamentos, conquistas e belezas de outras formas de amar.

Por isso, as outras cinco peças que compõem a programação da 10ª edição do Festival Midrash de Teatro têm a ver com a construção cênica de formas de amar distintas e distantes da família nuclear heteronormativa.

*3 maneiras de tocar no assunto*, solo escrito e protagonizado por Leonardo Netto e dirigido por Fabiano Dadado de Freitas, apresenta em três movimentos uma desconstrução da homofobia estrutural de nossa sociedade e dá nome aos bois: propõe que a palavra *bullying*, prática exercida desde a sua mais tenra infância contra muitas pessoas que não se enquadram na heteronormatividade, receba a sua devida tradução: tortura.

Já *Selvagem*, solo de Felipe Haiut com direção de Debora Lamm, é uma peça autobiográfica, ou autoficcional, na qual o protagonista aborda as reiteradas tentativas feitas pela sociedade (a começar pela família, pela escola e pelas psicólogas de plantão) de “curá-lo” de sua orientação sexual. O relato é permeado por diversas referências da cultura pop dos anos 1980 e 1990 e culmina na auto-afirmação da própria singularidade para além de quaisquer rótulos – daí, aliás, o título do espetáculo.

*Jonathan*, peça indicada ao prêmio Shell de teatro nas categorias direção (Dulce Penna) e dramaturgia (Rafael Souza-Ribeiro, o Rafuda), tem estrutura aparentada à de uma comédia em pé, mas vale-se do caráter provocador de Rafuda para lançar luz sobre temas espinhosos de nossa sociedade. Ao descobrir que Jonathan, tartaruga mais velha do mundo e habitante das ilhas Seicheles, era homossexual, o artista propõe uma reflexão sobre colonialismo, gênero, classe, afeto e memória.

*Peça de amar* acompanha a história de amor entre Georges (Mauricio Lima) e Henfil (Juracy de Oliveira), desde o momento em que se conhecem até a separação. Além de apresentar de forma concentrada o arco de duas vidas atravessadas pela delicadeza e o cuidado com o outro, procedimento sempre comovente, a dramaturgia de Henrique Fontes e Vinicius Arneiro, também diretor do espetáculo, entrecruza as memórias desse amor com os acontecimentos da vida política brasileira ao longo de duas décadas.

Finalmente, *Amor de baile*, trabalho com supervisão geral de Dom Filó e direção de Rei Black, é um espetáculo musical que mergulha na efervescência cultural do movimento Black Rio, destacando a afetividade e o empoderamento racial presentes nos bailes dos anos 1970 e mostrando o quanto o amor entre pessoas racializadas pode ser uma ferramenta poderosa de resistência ao racismo, de invenção estética e de transformação política. A peça culmina num verdadeiro baile black em que os seis atores em cena (Adrielle Vieira, Juliane Cruz, Junior Melo, Letícia Ambrósio, Lucas Sampaio e Wayne Marinho, além da diretora musical Beà Ayòóla) literalmente colocam o público para dançar.

Apresentados os 20 trabalhos que compõem a programação, a nossa curadoria deseja a todos que acompanharem a 10ª edição do Festival Midrash de Teatro uma experiência tão prazerosa e instrutiva quanto a de ler um bom livro. Ainda mais em um Festival com entrada gratuita em todos os seus espetáculos, nossa esperança é a de que, ao longo do mês de agosto de 2024, o Teatro Café Pequeno possa funcionar como uma verdadeira biblioteca pública.

Patrick Pessoa

Rio de Janeiro, 03 de julho de 2024

PS: A curadoria agradece a todas as parceiras e parceiros que colaboraram na indicação de algumas das peças que compõem a programação, especialmente a Rodrigo Bolzan, Daniele Sampaio, Paulo Mattos, Camila Pitanga, Daniele Ávila Small e Pedro França.